

## **Uniedas: o cotidiano de uma igreja protestante entre os índios Terena**

Graziele Acçolini<sup>1</sup>

### Resumo:

Neste artigo abordaremos particularmente o histórico e as atividades cotidianas que ocorrem na igreja Uniedas presente na aldeia Bananal, Posto Indígena Taunay/Ipegue, município de Aquidauana, bem como as influências que acarretam na vida de seus adeptos. A partir dessa temática, pretendemos mostrar a forma como é vivenciada a religião protestante entre os Terena, tendo em vista que essa convivência pode nos fornecer pistas relevantes sobre a manutenção da identidade étnica e a reconstrução constante da visão de mundo própria desse povo indígena. Um dos elementos que nos indica esse processo é a recorrência, inclusive de adeptos da crença protestante, aos xamãs apontando-nos não só a sobrevivência do xamanismo, mas também as suas atualizações que se dão em paralelo à crença protestante.

Palavras-chave: Terena, adeptos protestantes, igreja Uniedas, xamanismo terena.

### Abstract:

In this article we approach mainly the historic and the daily life that occur in the Uniedas church of Bananal village, Indian Point Taunay/Ipegue, Aquidauana county (MS), as well as influences bring about believers life. Starting from that theme, we intend to demonstrate the manners how protestant religion is experienced among Terena Indians, having in view that this living together can provide us relevant clues about maintenance of ethnic identity and constant reconstruction of world own of this indian people. One of the elements that indicates us by this process is that including protestant believers to search shamans, demonstrating not only shamanism survival but also its updatings as parallel to protestant belief.

Key-words: Terena, protestant believers, Uniedas church, terena shamanism.

---

<sup>1</sup> Doutora pela FCL-AR/Unesp; membro do CEIMAM (Centro de Estudos Indígenas “Miguel A . Menéndez”) e da Fundação Araporã

Os índios Terena do Mato Grosso do Sul possuem uma história de contato com a sociedade envolvente desde pelo menos o século XVIII. A partir desse envolvimento e das particularidades em relação aos agentes de contato e ao *campo social*<sup>2</sup> formado, e transformado desde então, vários elementos culturais constitutivos dessa sociedade foram alterados, e outros exógenos foram também incorporados à lógica terena.

Especificamente, nos referimos à incorporação e a manutenção da religião protestante entre os Terena desde o início do século XX e seu significado para este povo indígena. Por isso, concentramos nossa pesquisa na aldeia Bananal, no P.I. Taunay/Ipegue (Aquidauana/MS), uma das primeiras aldeias terena a receber os missionários anglo-norte-americanos e onde se fundou a primeira igreja evangélica entre o povo terena.

Atualmente encontramos ali a Uniedas (União das Igrejas Evangélicas da América do Sul), a mais antiga das protestantes; a Assembléia de Deus; a Igreja Independente Indígena Renovada e a Igreja Católica.

Não tratamos aqui da Missão Uniedas, à qual estão ligadas todas as igrejas locais Uniedas e cuja fundação se deu em 1972 pelos missionários norte-americanos e por lideranças nativas convertidas ao novo credo. Todavia, a origem da igreja local Uniedas remonta às primeiras manifestações evangélicas no meio terena ainda no início do século XX, sendo as demais igrejas, com exceção da católica, de origem mais recente.

Em relação à igreja Uniedas, cremos que a forma como é vivenciada a ideologia religiosa protestante parece nos dar pistas relevantes sobre a manutenção da identidade étnica e a reconstrução constante de alteridades na contemporaneidade desse povo.

Acreditamos que a religião deva ser vista como um processo ideológico, através do qual os povos indígenas expressam uma visão cultural de sua própria história, manipulando e controlando suas representações.

---

<sup>2</sup> Max Gluckman postula que o contanto interétnico deve ser visto como um fator organizador, uma complexa rede de interações sociais, onde as unidades envolvidas não são fechadas e nem homogêneas, onde interesses e valores fazem parte de um mesmo *campo social*. Quer dizer, para Gluckman o contanto não se apresenta como um fator desintegrador das culturas componentes. A partir desta noção o autor critica a abordagem culturalista que falava em uma África moderna, a das cidades europeizadas, e em uma África tradicional, onde viveriam as tribos de acordo com suas tradições. Também estende sua crítica à Antropologia Social de B. Malinowski quando este insistia em se referir à existência das três fases culturais mutuamente dependentes. A mudança na análise se deu pois Gluckman deslocou o foco de abordagem do âmbito cultural, indicando que devemos nos ater às comunidades e não aos costumes, enfoque adotado por Malinowski para sustentar sua tese das três entradas culturais. (GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: Bianco, Bela Feldman. *Antropologia das sociedades contemporâneas*. São Paulo, Global, 1987).

Assim, vemos a sociedade terena como uma *estrutura performática*<sup>3</sup>, na qual os acontecimentos circunstanciais, o inevitável encontro com a prática, são pensados e valorizados pela diferença com que se apresentam frente ao sistema constituído, pois mesmo sendo a cultura entendida como uma ordem de significação, esses significados são reavaliados quando realizados na prática, sendo a cultura ordenada historicamente.

Entretanto, nesse processo de incorporação da crença protestante pelos Terena, o xamanismo não parece ter sucumbido à secularização, aspecto ressaltado em várias pesquisas sobre a religião protestante e pentecostal entre os povos indígenas.

Aqui não iremos abordar esse tema diretamente, mas é relevante mencionarmos que, com novas roupagens, o xamanismo se apresentou como contraponto para ancorarmos nossa hipótese, o *processo de terenização do protestantismo*<sup>4</sup>, uma vez que assistimos tanto a uma reelaboração do sistema xamânico entre os Terena, quanto à estruturação da crença protestante, tendo em vista a recorrência dos adeptos protestantes a essa religiosidade caracteristicamente indígena mesmo que isso não caiba na lógica ocidental.

Claro que o cristianismo entre os povos indígenas é parte do processo civilizador empreendido pelo ocidente. Mas, conhecendo o contexto histórico-cultural terena, acreditamos que a incorporação da religião protestante possua um papel de destaque dentro dessa cultura, pois sugere um padrão de convivência desta com outras culturas que enfatiza e valoriza, ressimbolizando a partir de seus significados, as diferenças que lhe são apresentadas. Podemos assim salientar a importância dessa religião ali se construindo e sendo vivenciada como “a forma institucional dos acontecimentos históricos” (SAHLINS, 1990).

As informações que temos sobre a fundação e organização da igreja Uniedas da aldeia Bananal provém em grande parte de seus próprios membros; estes remetem a história da igreja evangélica no Bananal a 1926, com o retorno dos missionários norte-americanos à área. A presença de agências missionárias entre os Terena, pelo que nos foi

---

<sup>3</sup> Como discussão típico-ideal, Sahlins apresenta as estruturas performáticas em contraste com as prescritivas, vendo-as como diferentemente abertas à história. No encontro com a prática, os acontecimentos são interpretados pela comunidade de significação e justamente por ela esses são valorizados ou não, prescritiva ou performaticamente. Esta interpretação, baseada nos significados fornecidos pela ordem cultural, se transforma num evento e adquire significância histórica. Vide SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed, 1990.

<sup>4</sup> Vide tese da autora ACÇOLINI, Graziele. *Protestantismo à moda Terena*. Araraquara, Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Área de Concentração em Representação, Ideologia e Cultura, FCL/AR, UNESP, 2004.

transmitido, remonta a 1912, data frisada pelo pastor dessa área indígena como o início do evangelho entre os Terena.

Altenfelder Silva (1949) em seu trabalho sobre os Terena do Bananal, relata que em 1913 se estabeleceu próxima à povoação de Taunay a Inland South America Missionary Union (ISAMU); já Cardoso de Oliveira (1960) fala em 1917 e nos fornece mais detalhes remetendo esta data à instalação desta missão anglo-norte-americana pelo missionário inglês Alexander Rattray Hay na aldeia. Ali sua presença fomentou discórdias entre os novos convertidos à religião protestante, os católicos e o encarregado do SPI, principalmente após a conversão do então capitão Marcolino Wollily. Esta cisão interna acabou resultando na expulsão deste missionário da aldeia Bananal em 1920, sob a acusação de instigar os Terena contra as autoridades do SPI.

O autor ainda relata que Rattray Hay se transferiu para a vila Taunay; ali levantou a sede e as casas da missão em um terreno cedido por um fazendeiro das redondezas que na época era o presidente da Câmara do município de Aquidauana.

É interessante sublinharmos, pautando-nos ainda em Altenfelder Silva (1949) que, apesar de Rondon ter passado pela região em 1904-1905, época das Linhas Telegráficas, dando uma alavancada na organização da área indígena, o Posto Indígena do SPI propriamente dito só foi instalado em 1920, sofrendo uma reestruturação em 1926.

Isto quer dizer que os missionários se aproximaram dos Terena num momento em que esses passavam por uma reestruturação de suas aldeias; o retorno à vida em comunidade após um período conturbado em que estiveram espalhados pela Serra de Maracajú, fugindo da Guerra do Paraguai e quando muitos ainda se encontravam como cativos de fazendeiros da região que ali se instalaram com o final do conflito.

As atividades dessa missão foram retomadas em 1925 pelos missionários norte-americanos da South America Indian Mission (SAIM), representante norte-americana de uma cisão ocorrida na Inland South American Missionary Union (ISAMU), que originou esta denominação e sua equivalente anglo-saxônica New Testament Gospel Union.

Na década de sessenta, a SAIM passou a investir na formação de um quadro ministerial nativo que participasse efetivamente do processo de evangelização. Moura coloca que,

...A memória das lideranças 'crentes' afirma até hoje que a SAIM teria necessitado do intercâmbio dos Terena com relação aos demais povos indígenas, por estar vivenciando muitos conflitos culturais; apesar de serem preparados para

missões transculturais, sentiam-se alheios à cultura dos povos indígenas ... (MOURA, 2001: 45).

A autora ainda frisa que a conjuntura pós-golpe militar influenciou a iniciativa dos missionários da SAIM em incentivar e incrementar a formação de missionários nativos; no contexto de discussões que culminaram no Estatuto do Índio de 1973 e as pressões do governo sobre as missões cristãs, em especial o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), a SAIM precisou garantir seu espaço político-religioso num momento de elaboração dos movimentos de auto-determinação ensejados pelos povos indígenas.

A tática parece não ter fugido à regra dessas missões, não se insuflar contra os governos estabelecidos nos países em que desenvolvem o proselitismo, demonstrando seu caráter conservador em relação aos direitos indígenas. Mas por outro lado, incorporou os quadros evangélicos terena, estimulando o potencial destes e sua abertura para outros povos, dando brechas à ação e autonomia de tais líderes.

Em 1972 foi fundada a Missão Uniedas, com um ministério formado pela SAIM e pelos quadros nativos, além do auxílio a partir de 1978 de uma outra missão de origem alemã, a MEU (Missão Evangélica Unida). A sede da Junta da Missão Uniedas era em Aquidauana e a partir desse momento (pós 1972), as lideranças nativas começaram a se fortalecer frente a SAIM. Foi constituído a Comissão de Interligação formada pela SAIM, Uniedas e pela MEU.

De fato, essas missões possuem como uma de suas metas implantar igrejas autônomas e nativas que dêem continuidade ao trabalho de sustentação e, mais importante, de expansão do evangelho a partir das próprias lideranças nativas formadas na nova crença; o que acreditamos que não estava previsto era, anos mais tarde, essas lideranças nativas tomarem posse da própria Missão.

Mas, é bom termos em mente que, aqui no Brasil, o protestantismo sofreu várias modificações e até descaracterizações para que pudesse se consolidar efetivamente em igrejas, salvaguardando o número de convertidos e, apesar da ideologia incorporada ao pensamento institucional protestante brasileiro ter sido o do pré-milenarismo. Isso não quer dizer que tenha transplantado simplesmente seu caráter conservador aos lugares onde conseguiu abertura para se consolidar, pois em cada comunidade onde a crença protestante se inseriu, esta foi interpretada a partir dos elementos culturais e do contexto histórico então

em jogo, pois se transformando em elemento endógeno, pode ali estar sendo encarado como algo em oposição justamente ao estabelecido e legitimado.

Frisamos o caráter endógeno de incorporação do protestantismo, pois a partir dele podemos não só visualizar as formas como foi incorporado, mas principalmente as formas pelas quais consegue se manter em sociedades completamente distintas das de origem. Fazemos essa observação, pois com o protestantismo não só entre os Terena, mas na sociedade brasileira em geral, houve uma ruptura efetiva com o monopólio católico que representava a religião nacional.

A igreja Uniedas está presente em quase todas as cinco aldeias que pertencem a área indígena Taunay/Ipegue, a maioria com prédios próprios e todas possuem adeptos dessa igreja, apesar de não termos um censo exato. Também está presente no distrito de Taunay desde 1956, com líderes Terena que residem em Anastácio, cidade gêmea de Aquidauana, porém esta igreja não mantém muito contato com o pessoal das aldeias.

Mesmo não possuindo um censo exato, podemos fazer algumas conjecturas a partir de nossas participações nas atividades da igreja e também a partir do livro de registro dos batizados; esse livro parece ter sido passado a limpo há pouco tempo, e ali encontramos os registros dos batizados que constavam em abril de 2002 com 174 pessoas.

Nos cultos, nos períodos em que os homens retornam das empreitadas de trabalho fora da aldeia, podemos levantar um número aproximado de 40 a 50 pessoas, principalmente aos sábados e domingos. Em dias comuns, esse número cai, pois como nos explicou Sr. Manoel Cândido, nosso informante,

Os homens dificilmente paravam na igreja devido que ele vai ter que viajar, vai em busca da necessidade da família indo pra destilaria 2, 3 meses, onde as mulheres de vez em quando se ausentam da igreja, porque mora longe da igreja, muitas vezes é noite escura... então, muitas vezes não participam da reunião da igreja. Então, quando chega o marido, muitas vezes se ausentou 2, 3 meses... mas chegando o marido já ta tudo na igreja. E, graças a Deus, atualmente temos quase 200 membros da igreja.

Batizados?

Batizados.

Mas tem aqueles que freqüentam e ainda não são batizados?

É, tem aqueles que freqüentam mas não são batizados e tem batizado que não freqüenta a igreja, né?! Então, tem tudo isso aqui na nossa igreja também na Uniedas, e batizados, só batizaram e vão embora, aparece de vez em quando na igreja. E tem aqueles que não é batizados, mas ta sempre junto na igreja. Tem muita pessoa, principalmente aqui no Bananal é ... no culto normal da igreja, no mínimo, reunimos quase 50, 60 pessoas. ... Mas muitas vezes tem bem menos, né?! Dia de semana... (Sr. Manoel Cândido, Abril/2003).

O pastor desta área indígena, Sr. Emílio Miguel Moreira, Terena residente na aldeia Lagoinha, frisa a semelhança da Uniedas com a igreja Batista. Aliás, todo o material da Uniedas, como cartilhas para a Escola Dominical e a edição de Bíblias, provém de editoras batistas.

Sobre as Batistas, Corten coloca que são fortemente difundidas no sul dos EUA e agrupam dois terços das igrejas negras deste país,

... Elas são às vezes qualificadas como fundamentalistas porque são conservadoras no plano teológico e freqüentemente também no plano político. Estas igrejas são teologicamente de orientação arminiana como a maioria das igrejas pentecostais. No batismo, o batizado é instituído 'como o ato de crentes conscientes, sobre a base de uma associação numa igreja reunida'. Freqüentemente muito democráticas na sua organização interna, os batistas (como igrejas protestantes históricas) tem igualmente seu movimento de renovação carismática. Certas igrejas, como a igreja batista nacional do Brasil, são pentecostais (CORTEN, 1996: 58).

O pastor da Uniedas do Bananal também o é das outras aldeias. Ele nos contou que esta medida foi adotada, pois a igreja não possui recursos suficientes para manter um pastor em cada aldeia; ainda nos informou que há um Instituto de Teologia em Aquidauana, o Cades Barnea, que serve à Uniedas e a outras denominações. Porém ele mesmo se formou no Instituto de Teologia de Araçatuba, também interdenominacional.

Após passar pelo Instituto de Teologia, o pastor realizou um estágio de dois anos, durante os quais foi avaliado pela igreja. No final destes dois anos, ele foi levado até uma assembléia de delegados da Uniedas, onde foi aceito como pastor.

O pastor da Uniedas nos explicou que o aspecto fundamental do trabalho evangélico é a parte doutrinária, pois é por seu intermédio que ele obtém a base para o seu trabalho e a conscientização necessária para ter uma igreja forte. Por isso ele acredita que o pastor que está mais inserido nestas questões pode dar um exemplo de conduta para os demais da comunidade e principalmente para a juventude da igreja.

Moreira ainda nos explicou que, dentro dos princípios bíblicos, há três grupos de salvação; iremos apresentá-los como o pastor nos contou.

Num primeiro estágio se encontra o plano natural, onde se incluem as pessoas que não passaram pela conversão; logo após, o plano carnal, onde se encontram as pessoas que já se converteram, mas que ainda seguem suas próprias vontades; o terceiro plano, e mais importante, é o espiritual. Este consiste no ideal de vida do adepto; são os

fiéis e convictos de sua escolha e cujas vidas correspondem ao que é pregado pela igreja como os verdadeiros princípios de Deus.

Em relação a eclesiologia, a Uniedas optou pela organização congregacional com o respectivo Conselho das Igrejas. Na área indígena Taunay/Ipegue temos a seguinte configuração: há na área este pastor que mencionamos e em cada aldeia a Uniedas possui um grupo de anciãos. Desse grupo é eleito um presidente pelos membros da igreja e pelo pastor. Este presidente fica responsável pela manutenção da igreja em todos os aspectos e é escolhido, geralmente, de dois em dois anos, ou conforme as necessidades da igreja; ou ainda pode permanecer mais tempo nesta função caso todos os membros concordem.

Aos anciãos cabe zelar pelo bom andamento das atividades materiais e espirituais da igreja. Abaixo dos anciãos, encontramos os diáconos e evangelizadores, que, pelo que nos parece, também são diáconos. Moura (2001) aponta que este tipo organizacional foi escolhido afirmando-se que seria o mais aberto à participação de todos, fato que a própria autora demonstra não ser tão exato assim, pois o constatado foi o predomínio de algumas famílias nas lideranças da Missão.

Nas pregações, não há um papel cerimonial fixo, podendo os membros adultos, geralmente os diáconos, celebrar o culto ou outras das atividades desenvolvidas na igreja, como a mencionada Santa Ceia. Aliás, só como ilustração, esse tipo organizacional implementado pela Uniedas se assemelha muito ao da Igreja Adventista do Sétimo Dia, instaurada entre os Taurepáng, grupo Karib que ocupa os campos e serras de Roraima (Andrello,1999).

Os adeptos da Uniedas são batizados após um ano de preparação na Escola Dominical, na *idade da razão*; o pastor nos contou que eles não crêem no batismo do Espírito Santo, pois isto não faz parte dos ensinamentos da Bíblia. Existem ali as sessões de cura que, aliás, não acontecem durante o culto como é de costume na Assembléia de Deus e na Igreja Evangélica Independente Indígena Renovada da aldeia. Os membros da Uniedas marcam dias específicos para essa atividade. Eles alegam que com isso pretendem não chocar quem não entende bem o propósito das sessões e como elas são encaminhadas; por isso, as pessoas que freqüentam são os doentes, crentes ou não, e os verdadeiros crentes em Cristo, o que na ocasião já de antemão nos excluía.

A Escola Dominical funciona nas manhãs de domingo na igreja, dividida em quatro “classes”, na expressão usada por eles, que, na Uniedas do Bananal, possuem os seguintes nomes: a classe Cordeirinho, que inclui as crianças de ambos os sexos; a Mirim,



onde se encontram as moças solteiras; a Filadélfia, ocupada pelas senhoras casadas e a composta pelos homens, a Josué. A Uniendas do Bananal também possui um grupo de música formado pelos jovens, o Nova Dimensão.

Tivemos a oportunidade de assistir a alguns cultos, realizados no domingo. Registraremos aqui o que observamos durante estes cultos e na escola dominical, começando com esta.

Às oito horas do domingo há uma pequena abertura antes do início das atividades da escola dominical; geralmente é realizada pelo ancião-presidente ou por um dos diáconos que começa com uma oração a que se seguem os hinos cantados por todos.

Logo após, o pessoal é dividido e encaminhado à sua classe da escola dominical; há cortinas no meio do salão da igreja que separam cada classe. Todas as classes estudam e discutem passagens bíblicas; a classe das senhoras é assessorada por um diácono ou ancião; as moças ficam sob a coordenação de uma professora, enquanto outro diácono ou ancião se responsabiliza pelas crianças. Após o término dos estudos, cada grupo apresenta uma leitura ou comentário do que foi visto na Bíblia ou no Novo Testamento, ou ainda apresentam uma música que tenha tido destaque durante o encontro da classe dominical.

Quando estas atividades são encerradas, o que dura mais ou menos quarenta e cinco a cinquenta minutos, o ancião-presidente dá os anúncios da semana como, por exemplo, quem realizará o culto de oração, quando será e qual o local, além de outras informações sobre o andamento ordinário da igreja. O encontro termina como começou, com os hinos e todos cantando; algumas músicas estão traduzidas para o Terena, outras são cantadas em português.

Assistimos a vários cultos realizados nos sábados e domingos a noite que tem início marcado às vinte horas. A abertura é feita pelo ancião-presidente com uma leitura ou comentário breve de alguma passagem da Bíblia, cedendo lugar aos cantos, ponto alto do culto, com a aparelhagem de som ligada. Eram principalmente jovens que cantavam tanto em Terena como em português, sozinhos ou em pequenos grupos, algo parecido com o que chamamos karaokê.

Aliás, sobre os cantos, Corten argumenta que estes, num culto pentecostal,

... são acompanhados de instrumentos diversos, o que os distingue das igrejas tradicionais em que o único instrumento era o órgão ou o harmônico. Entre esse instrumentos, o violão, a guitarra, o tambor, o bandolim e cada vez mais também o

sintetizador. Às vezes também a música gravada, principalmente barroca. O estilo musical varia: do 'spiritual song', jazz, rock, discoteca ou estilo romântico (diversos) (CORTEN, 1996: 60).

O cenário descrito por Corten é, com todas as particularidades, o que assistimos na Uniedas. Podemos conjecturar que esses grandes períodos dedicados aos hinos parecem se remeter à questão da oralidade nas sociedades tradicionalmente ágrafas; o pastor nos frisou a importância que os hinos possuem como um dos recursos que faz com que uma pessoa se converta à igreja.

Há um grande período dedicado aos cantos e durante eles é passada uma sacolinha na qual são depositadas as contribuições. Nesta ocasião dá quem tem ou quem deseja e pode contribuir; essas ofertas são encerradas com uma breve oração. A maioria dos adeptos também contribui com o dízimo, estimado em dez por cento da renda mensal da pessoa.

A cobrança do dízimo se tornou importante após a ruptura com a SAIM, pois é basicamente dessas contribuições que a Missão Uniedas vem sobrevivendo.

Como na manhã, há os anúncios das atividades para a semana e a apresentação dos fiéis que ficarão encarregados destas, como nos cânticos (quem se encarregará do acordeon, do contra-baixo), quem realizará o culto de oração, as ofertas do domingo seguinte e assim por diante.

Após esses anúncios, o secretário da igreja, que cremos ser um diácono, informa com quanto cada adepto contribuiu para o dízimo e o total arrecadado.

Em seguida, um dos fiéis é escalado para ler um trecho da Bíblia, geralmente do Novo Testamento, que já foi traduzida para a língua Terena pelo SIL (Sociedade Internacional de Linguística, denominação atual do Summer Institut of Linguistics). Assim, após esta leitura o mesmo fiel realiza um comentário acerca do trecho lido, enfatizando sempre as mudanças que ocorreram em sua vida após a conversão.

Outro aspecto importante do culto são os testemunhos, mas isto não quer dizer que eles ocorram necessariamente em todos os cultos. Estes são sempre voluntários e realizados por aqueles que, podemos dizer, se encontram no plano espiritual dos princípios bíblicos. O objetivo deles é relatar e mostrar aos demais como Deus exerceu e exerce seus poderes na vida dos fiéis entregues à religião e as transformações, para melhor, que se deram a partir da conversão.

Encerrando o culto, o ancião-presidente anuncia novos cantos e transmite mais alguns lembretes. Assim, após uma oração de agradecimento chegamos ao seu final já quase às vinte e duas horas.

É interessante também descrevermos a disposição dos fiéis na igreja durante o culto. Apesar de simples em sua configuração, ela nos mostra uma separação entre os sexos, com as mulheres e crianças (principalmente meninas) sentadas no centro e à esquerda do altar, enquanto os homens e os meninos maiores ficam dispostos à direita. Também observamos que nenhuma mulher tem participação marcante durante os cultos.

O pastor da Uniedas também nos falou sobre a conversão e que há vários aspectos que podem sensibilizar uma pessoa e convencê-la a se tornar crente. Ele acredita que a conversão pode se dar através dos hinos, cujo conteúdo é muito emotivo; através da cura, quando a pessoa ou alguém próximo recorre a igreja por motivos de doença e alcança a graça; ou ainda através dos testemunhos e das pregações realizadas nos cultos.

Claro que, nem todos os Terena são adeptos protestantes ou pentecostais; percebemos as mudanças quando conversamos com um fiel. Aí sim, conseguimos enxergar os aspectos que diferenciam adeptos e não-adeptos na aldeia, pois não observamos uma mudança corporal significativa que os demarque, por assim dizer, dos demais, como ocorre geralmente com os conversos no espaço urbano.

Sabemos que quando da conversão, o indivíduo rompe com os vínculos de sua vida anterior, mas entre os Terena isto não ocorre de forma tão categórica. Porém, uma das grandes mudanças enfatizada por seus adeptos é a maior aproximação com os irmãos da igreja e o afastamento de antigos grupos de convivência e suas atividades habituais. Este aspecto da conversão é de muita importância principalmente para os homens já que o afastamento de um determinado grupo muitas vezes representa o afastamento das bebidas alcoólicas e o abandono de um vício ligado à vida anterior à transformação evangélica. Mariz observa que

... A igreja de crente é vista como um instrumento eficiente de recuperação da dependência ao álcool [...] e que oferece apoio aos familiares daqueles que tem esse problema (MARIZ, 1994: 204).

Citamos o exemplo das bebidas alcoólicas, pois este foi o aspecto mais ressaltado em todas as conversas que tivemos com os adeptos Terena, e sabemos que, de uma forma geral, entre os indígenas do país este é um problema sério e de difícil solução, já

que o álcool também foi um dos instrumentos utilizados pela sociedade não-índia para a desestruturação destas sociedades. Mas é interessante relativizarmos a idéia do afastamento dos antigos grupos de convivência, pois estes se constituem também em potenciais convertidos.

Quanto à questão econômica, cremos que os adeptos da aldeia não diferem muito da clientela urbana; todos apontam uma melhora em seu padrão de vida. Isto porque, nos parece, suas rendas, que são poucas na maioria das famílias, começam a ser melhor direcionadas, pois não podemos nos esquecer que estamos tratando de uma rede de comunicação e ajuda mútua e não só de uma igreja.

Observamos que as pessoas que freqüentam a igreja conseguem, por seu intermédio, empregos ou, pelo menos, uma ajuda mais informal dos irmãos de crença num momento de dificuldade financeira. Observamos também que entre os adeptos, no que concerne ao aspecto financeiro, há uma certa homogeneidade, não havendo grandes discrepâncias em seus padrões de vida, ao contrário do que acontece entre adeptos e não-adeptos.

Fator primordial e ressaltado pelos fiéis é o caráter sacral que envolve as conquistas alcançadas, ou seja, o Evangelho como máxima de vida na medida em que todas as melhorias almejadas e realizadas estão relacionadas diretamente aos poderes de Deus.

Porém, o que mais nos chamou a atenção foi efetivamente a questão da religiosidade Terena junto à crença protestante, como mencionamos. A procura pelo Koixomunetí - os xamãs terena - inclusive pelos adeptos protestantes, sejam eles chamados por purungueiro ou curandeiro em português, se dá em casos de doenças físicas e psicológicas.

A busca pelas orações de cura da igreja e a procura pelo xamã em casos de enfermidades, podem ocorrer complementarmente. Nosso informante, Sr. Manoel Cândido, nos esclareceu que há uma diferença entre essas duas formas de cura.

Em linhas gerais, a diferença consiste no seguinte: quando se recorre à igreja, as orações são feitas pedindo para que se realize, como disse Sr. Manoel, “à vontade de Deus”, enquanto o xamã pode interceder para que seja feita “a nossa vontade”. Ele frisou que é muito difícil assistir, por exemplo, a um filho doente e que “a carne é fraca”. Assim, justificou porque também os crentes recorrem ao xamã. De fato podemos afirmar que a

crença no xamã não desapareceu; afinal, ele parece dar conta até de Deus, pelo menos do Deus cristão!

O caso Terena, emblematicamente, parece demonstrar que a identidade surgida da conversão é muito complexa, combinando elementos aparentemente incompatíveis, mas que trabalhados “à moda terena”<sup>5</sup> ganharam novos significados. E, assim, cremos poder refletir sobre a Uniendas como uma integrante da cultura terena, a partir do contexto histórico de interação entre esta sociedade e a nacional. Como acentua Turner,

... uma parte significativa das transformações sociais e culturais da sociedade nativa não é mero resultado da opressão exercida aberta e deliberadamente pela sociedade nacional ou da exploração levada a cabo pelos representantes do capital internacional, mas é, ao contrário, objeto de um consentimento ativo, isto quando não é espontaneamente desencadeada pelos próprios povos indígenas (TURNER apud SAHLINS, 1997: 123).

No processo de incorporação da crença protestante pelos Terena, frisamos a sobrevivência do xamanismo como o contraponto necessário para ancorarmos nossa hipótese, o *processo de terenização do protestantismo*, uma vez que assistimos tanto a reconstrução do sistema xamânico, quanto a estruturação da nova crença.

Podemos encerrar com uma citação de Altenfelder Silva que, sendo de décadas atrás, parece conter uma espécie de profecia para a atualidade dos Terena:

Como ainda não alcançaram uma forma de vida consistente e bem integrada, os Terena não tem ainda capacidade para tomar decisões próprias quanto aos méritos do catolicismo, do protestantismo e do xamanismo. A ela chegarão provavelmente pouco a pouco, à medida que se firmar a sua posição social e econômica na nação. Por certo também a nova religião terena não será nem inteiramente católica, nem protestante, mas conterá forte dose de xamanismo (ALTENFELDER SILVA, 1946: 276).

## Referências Bibliográficas

ALTENFELDER SILVA, Fernando. Mudança cultural dos Terena. *Revista do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, 3, 1949.

\_\_\_\_\_. Religião Terena. *Acta Americana*, México, 4, 268-279, 1946.

---

<sup>5</sup> Vide ACÇOLINI, Graziele. *Protestantismo à moda Terena*, Tese de Doutorado, Araraquara/Unesp, 2004.

CORTEN, André. *Os pobres e o Espírito Santo*. O pentecostalismo no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1996.

MARIZ, Cecília Loreto. Libertação e ética. Uma análise do discurso de pentecostais que se recuperaram do alcoolismo. In: ANTONIAZZI, Alberto (org.) *Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 204-224.

MOURA, Noêmia dos Santos Pereira. *UNIEDAS: o símbolo da apropriação do protestantismo norte-americano pelos Terena (1972-1993)*. Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, 2001.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O Processo de Assimilação dos Terena*. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1960.

SALHINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1990.

Artigo recebido em: 06/03/07.

Artigo aprovado em: 10/05/07.